



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: LARA AMORIM

Literatura de Cordel e Jornalismo

A poesia popular como decodificador de informação

Vanessa Alessandra Aquino
RA: 2041306-2

Brasília, novembro de 2007

Vanessa Alessandra Aquino

Literatura de Cordel e Jornalismo

A poesia popular como decodificador de informação

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Prof^a. Dr. Lara Amorim

Brasília, novembro de 2007

Vanessa Alessandra Aquino

Literatura de Cordel e Jornalismo

A poesia popular como decodificador de informação

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em dizer Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Lara Amorim
Orientadora

Prof. Severino Francisco
Examinador

Prof. Paulo Paniago
Examinador

Brasília, novembro de 2007

Dedicatória

Dedico este trabalho aos poetas populares do Brasil que fazem da informação algo democrático.

|

Agradecimento

Agradeço ao poeta Abraão Batista pelas horas de conversa, pelo interesse em contribuir para a pesquisa e por me apresentar à essência da cultura popular.

Agradeço também à minha orientadora Lara Amorim pela sensibilidade, dedicação e conhecimento acadêmico privilegiado, por meio do qual foi possível o amadurecimento do estudo.

Por fim, agradeço a professores e amigos pela contribuição direta e indireta na realização desta pesquisa.

“A diferença é que o cordel é a voz do povo
e a imprensa tem medo do ridículo, mas
o ser humano é ridículo”.

Abraão Batista, poeta popular.

RESUMO

A pesquisa se baseia na análise de conteúdo de folhetos de Literatura de Cordel e reportagens do jornal *Correio Braziliense* para verificar o que distancia e aproxima as duas mídias em relação à informação e em que medida os códigos das mensagens são transformados de um meio para outro. O modelo semitótico-informativo desenvolvido por Umberto Eco e Paolo Fabbri é o ponto de partida teórico da análise que também busca referências nos estudos de Folkcomunicação de Luiz Beltrão e no conceito de folclore de Câmara Cascudo para caracterizar a literatura de cordel, enquanto mecanismo tradicional e dinâmico, no cenário das manifestações folclóricas e da cultura popular.

Palavras-chave: literatura de cordel, informação, jornalismo, cultura popular, análise de conteúdo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	39
Figura 2.....	40
Figura 3.....	40
Figura 4.....	45
Figura 5.....	45
Figura 6.....	45
Figura 7.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. METODOLOGIA	11
2. BREVE HISTÓRIA DO CORDEL	14
2.1. ORIGEM IBÉRICA.....	14
2.2. CHEGADA E TRAJETÓRIA DO CORDEL NO BRASIL	15
2.3. A LITERATURA DE CORDEL HOJE	16
3. ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE O CORDEL COMO MEIO DE DIFUSÃO DE INFORMAÇÃO	20
3.1. CONCEITO DE INFORMAÇÃO COMO MENSAGEM	20
3.2. TEORIA DA INFORMAÇÃO	20
3.2.1. MODELO SEMIÓTICO-INFORMATIVO.....	22
3.4. TEORIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO E QUESTÕES SOBRE FOLCLORE E COMUNICAÇÃO ...	24
4 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A INFORMAÇÃO VEICULADA PELO CORDEL E PELO CB	27
4.1 PÚBLICO-ALVO E CARACTERÍSTICAS DAS DUAS MÍDIAS	27
4.2 ANÁLISE DO CONTEÚDO DOS ELEMENTOS INFORMATIVOS PRESENTES NOS FOLHETOS DE CORDEL E NAS REPORTAGENS DE JORNAL	28
4.2.1. <i>Dois casos de corrupção: o mensalão e o caso dos dólares na cueca</i>	29
4.2.2. <i>Aquecimento Global</i>	29
4.2.3 <i>Análise por categorias</i>	30
4.3. A XILOGRAVURA	38
4.4. A CREDIBILIDADE INFORMATIVA DA LITERATURA DE CORDEL.....	41
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
ANEXO A	45
ANEXO B	46
ANEXO C	47
ANEXO D	48

INTRODUÇÃO

Durante a 24^a Feira do Livro de Brasília, 2005, visitei estandes de poetas populares e adquiri folhetos que me fizeram perceber que os temas abordados se referiam de alguma forma à política e a acontecimentos factuais. Entrei em contato pela primeira vez, de maneira mais profunda, com a Literatura de Cordel e observei que fatos publicados em jornais e que repercutem na opinião pública eram também tratados pela poesia popular. Dessa observação, surgiu o interesse pela pesquisa do conteúdo noticioso da Literatura de Cordel.

Este trabalho pretende apresentar e analisar aspectos presentes nos versos impressos nos folhetos de cordel que caracterizem informação, e discutir como a notícia é trabalhada para atingir o público ao qual se destina e que contribuições a Literatura de Cordel pode oferecer ao jornalismo.

A cultura popular é fonte de referência de criação, originalidade e credibilidade na relação entre emissor e receptor no processo comunicativo. Pretendo estudar a fonte criativa presente nos versos dos poetas populares. Para isso, farei uma comparação dessa manifestação da cultura popular, com foco em uma modalidade da Literatura de Cordel que é o *folheto de ocasião* (de cunho noticioso), com o conteúdo veiculado no jornal *Correio Braziliense* a fim de mostrar o que une e separa essas duas mídias impressas, no que diz respeito à informação.

Serão analisadas três reportagens. Duas sobre casos de corrupção como o mensalão e o caso do dólar na cueca; e outra sobre o aquecimento global. As reportagens serão comparadas com folhetos de cordel que tratam dos respectivos assuntos.

O ponto de partida teórico definiu-se a partir da Teoria da Informação, segundo Mauro Wolf, e do modelo semiótico-informativo de Umberto Eco e Paolo Fabbri. Além de definições da Teoria da Folkcomunicação e do conceito de folclore de Luis da Câmara Cascudo. A partir da análise de conteúdo de reportagens, o estudo pretende mostrar de que maneira a Literatura de Cordel transforma os significados de um conteúdo informativo veiculado pelos meios de comunicação de massa em uma nova linguagem com características particulares da cultura popular.

1. METODOLOGIA

O método aplicado será a pesquisa qualitativa da análise de conteúdo, uma vez que será considerada a presença de elementos que caracterizem informação nos folhetos de cordel e de que modo aspectos interpretativos de notícias cumprem o objetivo de informar e formular opinião. Serão analisados os temas (significados) das poesias impressas de Literatura de Cordel, como mídia popular, com assuntos correlatos tratados pelo jornal *Correio Braziliense*, representante da grande imprensa.

A pesquisa consiste, também, em apurar aspectos descritivos que aproximem as duas mídias no que diz respeito ao conteúdo (significantes). Segundo Laurence Bardin, a análise de conteúdo pode ser uma análise dos significados e dos significantes. Desse modo, ao analisar o conteúdo informativo dos folhetos de cordel que tratem de temas contemporâneos, os códigos utilizados para comunicar deverão ser explorados e decifrados a fim de que se encontre as características que aproximem ou diferenciem a linguagem de um jornal impresso, de penetração considerável em Brasília, da linguagem da Literatura de Cordel.

A análise de conteúdo é, para Martin W. Bauer, “um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências empíricas que tem por objetivo a análise sobre a mediação simbólica” (BAUER e GASKELL, 2002, p. 190). A Literatura de Cordel é uma representação da cultura popular e dos modelos de comunicação nela encontrados. Como mídia, apresenta-se como elo entre emissor e receptor no processo comunicativo, reconstrói símbolos e essa representação simbólica será objeto da análise de conteúdo.

Um *corpus* (conteúdo) de texto é a representação e a expressão de uma comunidade que escreve. Sob esta luz, o resultado de uma análise de conteúdo é a variável dependente, a coisa a ser explicada. Textos atribuídos contêm registro de eventos, valores, regras e normas, entretenimento e traços do conflito e do argumento. A análise de conteúdo nos permite construir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, pré-conceitos e estereótipos e compara-los entre comunidades. É a pesquisa de opinião pública com outros meios. (BAUER, p.192)

Bauer explica que existem duas dimensões de representações na análise de conteúdo: a sintática e a semântica. Segundo tal argumento, os procedimentos sintáticos são aqueles que se enfocam os transmissores de sinais e suas inter-relações. A análise dos folhetos de cordel está focada nas características estilísticas que atribuem ao texto conteúdo noticioso que influencia uma audiência específica. Portanto, serão levados em conta a ordenação, o vocabulário e as características gramaticais presentes nas poesias.

A dimensão semântica diz respeito, segundo Bauer, aos sinais e sentidos denotativos e conotativos em um texto. A transformação da linguagem jornalística em linguagem popular diz respeito a um processo que envolve transformação de significados para que atinja maior penetração no público ao qual é destinada.

As características sintáticas e semânticas de um *corpus* de texto permitem ao pesquisador fazer conjeturas fundamentadas sobre fontes incertas ou audiências incertas. Traçar um perfil ou comparar os perfis para identificar um contexto, são inferências básicas de uma análise de conteúdo. (BAUER e GASKELL, 2002, p. 193)

O contexto sociocultural da notícia publicada nas páginas do *Correio Braziliense* é o mesmo dos temas abordados nos folhetos de cunho noticioso, porque o fato é o mesmo. Porém a linguagem sofre mutações, as percepções interpretativas e a estrutura do texto seguem linhas diferentes para que se adequem aos respectivos interlocutores, uma vez que se trata de formas distintas de representações culturais. A análise de conteúdo é o instrumento utilizado para revelar o que acentua diferenças e semelhanças nas duas mídias e reconhecer em que momento a informação surge de forma predominante nos textos.

Bauer argumenta que o conteúdo do texto, que ele chama de *corpus*, nunca está completo, pois conteúdos adicionais são acrescentados continuamente. Segundo ele, por esse motivo a mídia deve ser monitorada e “uma mostra de produções da mídia é regularmente codificada para detectar mudanças na ênfase e agrupamentos em um conjunto de temas” (2004, p. 194).

Assim sendo, a análise dos folhetos noticiosos de cordel estará embasada no conjunto de signos e significantes que formam os textos e identificam aspectos que dizem respeito à informação.

Bardin define a análise de conteúdo como um instrumento de inferência, de dedução e indução dos significados, e não apenas de descrição. Segundo Bardin, a descrição analítica é apenas um dos procedimentos. As deduções dos conteúdos podem ser de natureza psicológica, sociológica ou histórica (p. 38).

A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Mas isto não é o suficiente para definir a especificidade da análise de conteúdo. A intenção é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, inferência esta que recorre a indicadores. (BARDIN, 1977, p. 38)

O objeto da análise de conteúdo é o aspecto individual da linguagem e como ela atua em determinado contexto e como manifestação cultural. A Literatura de Cordel é uma representação da cultura popular e possui uma linguagem específica que apresenta signos próprios de uma comunidade. Da mesma maneira, a linguagem jornalística se manifesta como um conjunto de significados e significantes contidos em uma mensagem específica para um público específico.

2. BREVE HISTÓRIA DO CORDEL

2.1. Origem Ibérica

A poesia popular escrita recebeu o nome de Literatura de Cordel pela estrutura que os folhetos herdaram do estilo de literatura popular que surgiu na península Ibérica (Portugal e Espanha), por volta do século XVI. Os folhetos, *pliegos sueltos* (Espanha) ou *folhas soltas* (Portugal), eram pendurados em barbantes, ou *cordéis*, nas praças onde eram expostos ao público.

Em Portugal, os folhetos eram vendidos em praças públicas e expostos em barbantes, ou *cordéis*, para chamar a atenção dos leitores e de quem estivesse passando. Narravam fatos históricos ou cenas do cotidiano sob forma de poesia erudita ou prosa.

O poeta popular Rodolfo Coelho Cavalcante relata em versos a origem do cordel:

Cordel quer dizer barbante
Ou senão mesmo cordão,
Mas cordel-literatura
É a real expressão
Como fonte de cultura
Ou melhor poesia pura
Dos poetas do sertão

Na França, também Espanha
Era nas bancas vendida,
Que fosse em prosa ou em verso
Por ser a mais preferida,
Com o seu preço popular
Poderia se encontrar
Nas esquinas da avenida. (CAVALCANTE, 2000, p.37)

No final do século XVIII e início do século XIX, houve o aumento na variedade de assuntos abordados pelo cordel de Portugal. Os temas iam de acontecimentos sociais a narrativas históricas e religiosas. O consumidor não era mais integrante, basicamente, das camadas populares da sociedade.

Pela lista de autores, pode-se perceber que não apenas pessoas de baixa condição social dedicavam-se à produção de folhetos. Deve-se lembrar que se trata do século XVIII, em Portugal, quando professores, advogados, médicos, militares faziam de alguma forma parte da elite e eram autores de cordel. É certo que lavadeiras, carregadores, moleques de rua juntavam-se para ouvir as histórias e adquirir folhetos. (ABREU, 1999, p.42)

2.2. Chegada e trajetória do cordel no Brasil

Em contato com a realidade do Brasil do século XVI, quando os folhetos portugueses começaram a percorrer o Nordeste brasileiro, a estrutura da literatura de cordel passou por transformações para se adaptar às necessidades da população que não tinha contato com expressões literárias e desenvolveu a tradição da cultura oral.

Para compensar a falta de comunicação escrita, foram se aprofundando padrões de cultura oral e os meios populares de comunicação oral ganharam força. Dessa forma, os elementos de comunicação escrita presentes na literatura de cordel estão em função dos orais. É por meio da oralidade que o público se aproxima das narrativas e o emissor impressiona seu auditório. É um instrumento de retórica e persuasão. Porém, segundo apresenta Joseph Luyten, “na cultura oral os discursos persuasivos visam à integração dos participantes e não à submissão” (1992).

O cenário histórico é um fator que realça as particularidades do cordel brasileiro. Não só explica o seu desenvolvimento, como fornece temas, segundo exemplifica Candace Slater:

As secas periódicas proporcionam o pano de fundo para a tragédia e aventura. Personalidades de importância não só regional como nacional aparecem nas histórias de cordel. O suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 1954, desencadeou as edições mais vendidas da história do cordel, com pelo menos meia dúzia de versões, ultrapassando a marca dos cem milheiros. Guerras, eleições e clamores veementes contra tributos impopulares tornam o folheto interessante para os historiadores. (SLATER, 1982, p.21)

O Nordeste foi o berço da Literatura de Cordel no Brasil, e ainda hoje é o centro de produção dos folhetos, embora haja consumidores em todo o país. Na primeira metade do século XX, segundo Slater, o nordeste sofreu várias mudanças

sociais, como “criação esporádicas de escolas, gradual erradicação do banditismo, o vagaroso crescimento das cidades” (p. 26). A influência política e a elite industrial que surgia limitaram o progresso no meio rural e a economia não evoluiu. Nesse contexto, a população que habitava no interior não possuía meios de se informar e os folhetos de cordel passaram a ser fontes necessárias de informação e entretenimento. Porém, a chegada dos meios de comunicação de massa, na década de 1950, e o crescimento das cidades litorâneas alteraram a vida do agricultor do sertão e a forma da Literatura de Cordel.

2.3. A Literatura de Cordel Hoje

Mesmo com mudanças, o passar do tempo e transformações na sociedade, o cordel ainda é um meio de comunicação e entretenimento atuante, ainda que alguns pesquisadores discutam a qualidade da poesia e a preservação dos elementos tradicionais. O público, antes oriundo do campo e de regiões isoladas da penetração dos meios de comunicação de massa, hoje é composto também de leitores urbanos, estudiosos e universitários. As feiras culturais em centros econômicos e políticos do Brasil são o novo cenário de exposição dos folhetos de literatura de cordel. Em consequência de tais transformações, o conteúdo abordado nas poesias populares está cada vez mais ligado a acontecimentos recentes que marcam a história política, econômica e social do país e do mundo. Em decorrência do crescimento dos folhetos de conteúdo noticioso, a produção de romances diminuiu, o que para alguns pesquisadores é considerado um aspecto negativo.

Um dos pesquisadores que defendem a tradição e a produção dos folhetos voltada para as origens é Orlando Tejo:

Por aí há milhares de aberrações em forma de romance popular, sem nenhuma poesia, sem vitalidade alguma, desprovidas de qualquer virtude poética. Nem sequer as características tipográficas estão mais respeitando, na maioria dos casos. Até em “offset” estão imprimindo, para atender à demanda criada pelos círculos do turismo e para efeito de exportação. Onde estaria a autenticidade disso tudo? Com o acesso ao jornal e à televisão, que sertanejo iria à feira para saber, nas páginas de um folheto,

como foi a peregrinação de João Paulo II ao Brasil? (TEJO *apud* LUYTEN, 1992, p. 23)

Durante a 26^a Feira do Livro de Brasília, 2007, o poeta popular Abraão Batista, de Juazeiro do Norte, Ceará, defendeu¹ que as modificações na maneira como os folhetos são produzidos não desqualificam a Literatura de Cordel e o gênero popular de poesia.

Não podemos ser saudosistas. Uma vez veio um professor me dizer que estão acabando com a literatura de cordel. Que estamos acabando com a tradição. Eu disse a ele que se nós fossemos pensar assim, ainda estaríamos andando de jumento. Temos que acompanhar o desenvolvimento e as evoluções também. Se surgiu uma tecnologia que pode melhorar nosso trabalho, por que não utilizá-la? Não vai deixar de ser literatura de cordel pela forma como imprimimos ou produzimos, nós mantemos o formato da poesia.

Para Abraão Batista, os folhetos ganham um número cada vez maior de apreciadores com o passar dos anos. As feiras culturais das cidades que visita e expõe os folhetos que produz exemplificam o aumento da demanda e do consumo da poesia popular. Em Brasília, o gênero possui um número ainda mais expressivo de apreciadores e, para o poeta, a cidade é fonte de inspiração por ser o centro político do país.

Segundo ele, o cordel ganhou características diferentes e o conteúdo se tornou urbano:

Hoje podemos dizer que o cordel é urbano, antes era uma leitura exclusiva do homem do campo, do homem do interior. Os problemas sociais atravessaram séculos e os cordelistas também, o cordel tornou-se urbano. A partir daí, nós ganhamos uma linhagem de leitores diferentes. Antes o leitor era o homem comum, hoje nós temos os estudantes, os colecionadores e os universitários.

Segundo a pesquisa de Luyten (1992), é difícil precisar em números a produção da literatura de cordel por causa da produção irregular, do fluxo e refluxo de novos poetas e da distribuição que é feita em vários lugares e em regiões de difícil acesso. As pesquisas de Luyten, mesmo com tais dificuldades, apontam que

¹ Entrevista feita com o poeta Abraão Batista em ocasião da 26^a Feira do Livro de Brasília, em setembro de 2007.

mais de mil novos folhetos são editados por ano no Brasil. O pesquisador acredita que “se um país publica no mínimo mil folhetos por ano, não se pode dizer que a Literatura de Cordel esteja morrendo” (p.25).

O cordel se adaptou às transformações sociais e econômicas que o Brasil viveu nas últimas décadas e estas atingiram também o sertão. A Literatura de Cordel se transformou em um produto cultural conhecido em uma parte significativa do território brasileiro e ganhou espaço nos centros econômicos e políticos. São Paulo é hoje a cidade com o maior número de consumidores da Literatura de Cordel. A sede da Academia Brasileira de Literatura de Cordel se encontra no Rio de Janeiro, no bairro de Santa Tereza. E Brasília possui público fiel e um número expressivo de consumidores, segundo pesquisa feita² com poetas populares que expuseram seus trabalhos na 26ª Feira do Livro de Brasília.

O poeta Abraão Batista fala da receptividade que seus folhetos encontram no público de Brasília:

A feira de Brasília é onde encontro mais compradores para meus folhetos, a procura é grande, as pessoas se interessam pelas histórias. A cidade para mim é um caldeirão de inspiração, não só pela presença das entidades, mas pelas pessoas. Muitos dos meus folhetos são de casos que presenciei e vivi em Brasília.

A produção dos folhetos hoje, na maioria dos casos não é artesanal em todas as etapas. Em alguns casos, a xilogravura e a encadernação ainda se mantêm artesanais, porém a poesia é digitada e diagramada em gráficas comerciais onde são impressos os folhetos.

A chegada dos meios de comunicação de massa em cidades interioranas, em especial o rádio – em um primeiro momento – e a televisão, fizeram com que a Literatura de Cordel se tornasse uma extensão das fontes de informação e não a principal fonte. Porém, o estilo da poesia popular, marcado pela oralidade, irreverência e forte teor opinativo, faz da literatura de cordel um meio de expressão significativo do homem do campo que escreve, a princípio, para interlocutores do mesmo meio social – vale ressaltar a mudança de público, composto atualmente também por visitante de feiras culturais, turistas, estudiosos, curiosos e

² Pesquisa de campo realizada, em Setembro de 2007, para o presente estudo.

coleccionadores. Essa proximidade com o público ao qual é destinado não deixa o cordel desaparecer.

Como meio de informação, a Literatura de Cordel é objeto de estudo de pesquisadores como Luiz Beltrão, que desenvolveu pesquisas no campo da folkcomunicação e atribuiu a manifestações como a poesia popular o caráter de veículo imprescindível de comunicação de grupos que considera marginalizados.

Os folhetos pertencentes à literatura de cordel, são o jornal, o romance do trabalhador da zona rural. Narram feitos de heróis ladinos. Falam de sertanejos valentes e da vida de cangaceiros célebres. Registram acontecimentos importantes da região. Neles estão registradas as impressões do povo a respeito de acontecimentos sucedidos no município, no estado, em todo o país. A maneira de ver e analisar os fatos sociais, políticos, religiosos da gente rude. Denunciando costumes, atitudes, preferência e julgamentos (BELTRÃO, 2001, p. 151).

No entanto, a tese de Beltrão acerca do folclore como mecanismo de comunicação é questionada por teóricos como Câmara Cascudo. Esse ponto específico e o caráter informativo da Literatura de Cordel serão abordados no capítulo a seguir.

3. ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE O CORDEL COMO MEIO DE DIFUSÃO DE INFORMAÇÃO

3.1. Conceito de informação como mensagem

As manifestações culturais exprimem “conjuntos de signos e códigos” que Juan Bordenave conceitua como mensagem que é “codificada selecionando-se aqueles signos que reproduzirão o sentido pretendido pelo emissor ao serem decodificados pelo receptor” (BORDENAVE, 1983, p.49). A transformação dos significados e da informação feita pela Literatura de Cordel é o propósito deste estudo que, mesmo com a vastidão de pesquisas que explicam a informação e as maneiras como se manifesta, irá se focar na informação como mensagem.

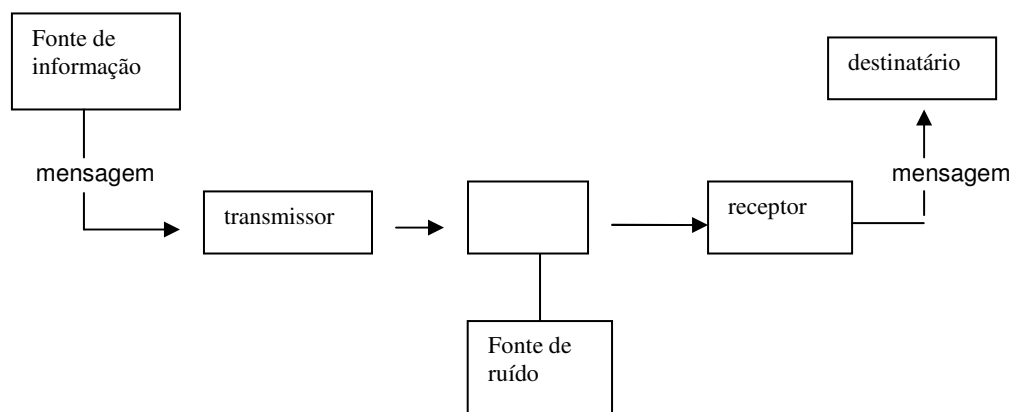
A informação é composta de estruturas significantes e está no centro do processo de comunicação. Segundo definição do pesquisador Aldo de Albuquerque Barreto, ela também está relacionada à produção do conhecimento por “se associar à liberdade do indivíduo, de seu grupo de convivência e da sociedade como um todo” (BARRETO, 1994). Barreto define a informação como “agente mediador na produção do conhecimento”, e como mensagem reforçada pela “intenção semântica de transferência entre emissor e receptor”.

Porém, é importante ressaltar que, entendida não apenas como instrumento de conhecimento, a informação como mensagem é sujeita a transformações devido a fatores como a temporalidade e aspectos socioculturais. Novos códigos são atribuídos à mensagem e a informação, que por consequência é recodificada.

3.2. Teoria da informação

Também conhecida como Teoria Matemática da Comunicação, a Teoria da Informação foi desenvolvida por Claude Shannon, 1949, para explicar o processo de transmissão das mensagens e aumentar o rendimento do conteúdo

transmitido, diminuindo as distorções e ruídos. Segundo Mauro Wolf, “a Teoria Matemática da Comunicação é essencialmente a teoria sobre a transmissão ideal das mensagens” (WOLF, 2003, p.109). O esquema que segue foi proposto por Shannon e define o “sistema geral de comunicação”:



(SHANNON *apud* WOLF, 2003, p. 109)

O esquema acima serve para ilustrar que no processo de comunicação há uma fonte de informação e, segundo Wolf, a transferência da informação efetua-se da fonte para o destinatário e que:

Existe sempre uma fonte nascente da informação, da qual é emitido um sinal; esse sinal viaja por um canal ao longo do qual pode ser perturbado por um ruído. Depois de sair do canal, o sinal é recebido por um receptor, que o converte numa mensagem. Como tal, é compreendida pelo destinatário (ECO *apud* WOLF, 1972, p. 10).

Dentro dessa definição, a Literatura de Cordel é a mensagem compreendida pelo destinatário que é transformada em uma nova fonte de informação para outros destinatários. Para Wolf, tal transformação se dá devido a um elemento presente no processo de re-significação, o código.

Para que o destinatário possa compreender o sinal no modo exato, é necessário que, tanto no momento da emissão quanto no momento da destinação, se faça referência a um mesmo código. O código é um sistema

de regras que atribuía determinados sinais um determinado valor. (ECO *apud* WOLF, 2003, p. 111).

Porém, a Teoria da Informação, segundo aponta Wolf, possui limitações. Dentre elas, a principal diz respeito a diferentes acepções do conceito de código. Os estudos da Teoria da Informação privilegiam fenômenos de transferência de informações entre dois pólos e não de transformação de sistemas. Desse modo, o papel do código como instrumento de transformação de significados se torna relativo. O código, segundo a teoria, completa a mensagem, uma vez que “a mensagem adquire um significado e pode comportar vários sentidos possíveis” (WOLF, 2003, p. 113).

A informação não pode ser confundida com significado, isto é, com o valor atribuído segundo um código que faz corresponder aos elementos informativos ou outras entidades (correlacionadas por convenção), que, de fato, não são transmitidos. Antes do código só existem sinais, não significantes, que existem no espaço em que o código já se encontra definido. O código emparelha equivalências, não apenas organiza os significantes (ECO, *Apud*, WOLF, 2003, p. 113).

O que a Teoria da Informação diz é que o código não pode ser um agente transformador da mensagem e sim um elo de transferência de significantes. Essa limitação apontada por Wolf é o que o modelo semiótico-informativo, desenvolvido por Umberto Eco e Paolo Fabbri, tenta suprir.

3.2.1. Modelo semiótico-informativo

A observação acerca do conteúdo transmitido pelos meios de comunicação de massa e a correspondência da informação transformada pela Literatura de Cordel é o que fez o presente estudo buscar referência teórica no modelo semiótico-informativo.

Segundo Wolf, a diferença mais significativa entre o modelo semiótico-informativo e a Teoria Geral de Informação é que, no primeiro, “a linearidade da transmissão é vinculada ao funcionamento dos fatores semânticos, introduzidos mediante o conceito de código” (ECO-FABBRI, *Apud*, WOLF, 2003, p. 119).

No modelo semiótico-informativo é a transformação e não a transferência de códigos o que conta.

A noção de código modifica-se profundamente com respeito à teoria da informação. Por conseguinte adquire relevância teórica e, como objeto de pesquisa empírica, o problema da decodificação, ou seja, do processo com o qual os componentes dos públicos constroem um sentido do que recebem da comunicação de massa. A teoria de informação elaborava explicitamente a análise das melhores condições da transmissibilidade das mensagens; agora, em vez disso, salienta-se o fato de que os efeitos e as funções sociais da mídia não podem prescindir do modo como se articula o mecanismo de reconhecimento de sentido (WOLF, 2003, p. 120).

Segundo a teoria, abre-se um espaço amplo entre a mensagem recebida como forma significativa (fenômeno físico, que no caso da relação jornalismo e Literatura de Cordel, pode ser atribuído às publicações em si) e a mensagem recebida como significado (conteúdo semântico e implícito). Nesse espaço, os poetas populares articulam os códigos, transformam o significado e alteram o sentido da informação de modo a aproximar o conteúdo do público ao qual se destina. Nesse processo transformativo, são considerados o ponto de vista semiótico, no qual emissor e receptor compartilham os significados, e o ponto de vista sociológico, no qual leva-se em conta fatores intermediários entre indivíduo e comunicação de massa.

Conforme as diferentes situações socioculturais, existe uma diversidade de códigos, ou melhor, de regras de competência e de interpretação. E a mensagem possui forma significativa, que pode ser preenchida com diversos significados, contanto que existam diversos códigos que estabeleçam diversas regras de correlação entre determinados significantes e determinados significados. E caso existam códigos de base aceitos por todos haverá diferenças nos subcódigos (ECO-FABBRI *apud* Wolf, 2003, p.122).

Os *folhetos de ocasião*, como são conhecidos os que veiculam conteúdo noticioso, e as relações de transformação de significados e a eficácia com que os novos signos atingem o objetivo de transmitir informação e opinião ao público é a questão do presente estudo. O modelo semiótico-informativo ajuda a integrar a manifestação cultural popular representada pela Literatura de Cordel ao processo de comunicação e aos níveis que a mensagem por ela transmitida fazem parte do agir

informativo e articulam a relação entre emissor e receptor. A análise de conteúdo dos folhetos de Literatura de Cordel e das reportagens veiculadas em um jornal representante dos meios de comunicação de massa pretende revelar as particularidades de cada mídia, a fim de aproximá-las ou distanciá-las.

3.4. Teoria da Folkcomunicação e questões sobre folclore e comunicação

A relação entre folclore e comunicação é um tema polêmico discutido por teóricos como Luiz Beltrão e Luis da Câmara Cascudo. Beltrão é autor da Teoria de Folkcomunicação e defende que manifestações de grupos marginalizados são manifestações folclóricas e fazem parte da memória coletiva de um povo. Ao fazer tal consideração, Beltrão inclui a Literatura de Cordel no conceito de folclore. A polêmica se dá na medida em que Câmara Cascudo só considera folclore fenômenos que tenham por característica o anonimato, a oralidade, a antiguidade e a persistência. A Literatura de Cordel é um estilo que tem se mostrado cada vez mais contemporâneo em relação ao conteúdo e seus autores são identificados. Por esse motivo, a Literatura de Cordel não se enquadra no conceito de folclore de Cascudo.

O objetivo aqui é relacionar jornalismo e cultura popular e não entrar no mérito de discussões teóricas que tornam polêmico o assunto. Porém, devido à importância desses dois teóricos nas pesquisas sobre comunicação e manifestações populares, este tópico é dedicado à exposição dos argumentos correlacionados ao tema proposto pela presente pesquisa.

Beltrão conceitua Folkcomunicação como o “intercâmbio de mensagens” (p.73) em um país desigual como o Brasil, no qual identifica dois pólos de representação: um, em pleno desenvolvimento cultural e econômico e outro, marginalizado – “alienado dos objetivos pretendidos da elite” (p. 74).

Folkcomunicação é um processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. Como ocorre com a comunicação coletiva em geral, a comunicação também se especializa, torna-se caracterizada de acordo com seus objetivos e efeitos combinados (BELTRÃO, 2001, p. 79).

Beltrão parte da conclusão que os meios de comunicação de massa não suprem todas as necessidades dos diferentes grupos que compõem a sociedade. E por isso, tais grupos fazem a “transposição de mensagens de um sistema de comunicação para outro, com o objetivo de alcançar o todo desejado” (BELTRÃO, 1980, p.28). O público da comunicação de massa, segundo Beltrão, é heterogêneo e disperso. Já os receptores da Folkcomunicação fazem parte de um grupo homogêneo. Porém “a fonte do comunicador de *folk*, do líder de opinião dos grupos sociais, é o comunicador de massa”. Beltrão cita como exemplo de tal processo a literatura de cordel frente ao cinema, representante da comunicação de massa:

Como sua audiência (da Literatura de Cordel) não frequenta cinema, cuja linguagem pelo menos não lhe é familiar, ele – poeta do povo – transforma a história na trama de um folheto em verso, travestindo os personagens em gentes do seu mundo e às vezes editando-os em tipografias e prelos manuais e com a colaboração de xilogravadores populares (Idem, p. 33-34).

Beltrão define público de Folkcomunicação como *marginalizado*, indivíduos excluídos “não só do sistema político como do de comunicação social” (p.39). Talvez o discurso de Beltrão seja ultrapassado se levarmos em conta o dinamismo com que a sociedade se transforma à medida que novas tecnologias surgem e interferem no quadro social, político, econômico e cultural. Como é o caso dos próprios meios de comunicação de massa que penetram tanto nos grandes centros, nas cidades litorâneas, como nos sertões e em cidades isoladas.

A literatura de cordel, como já foi abordado anteriormente, é um exemplo das transformações pelas quais a sociedade passou com o crescimento das cidades e da industrialização. O público dos folhetos não é mais composto unicamente por trabalhadores do campo e o conteúdo não está restrito a romances e histórias de heróis locais. Não se pode dizer que os poetas populares hoje estejam à margem dos meios de comunicação e das transformações do mundo. Esse é um exemplo que questiona a aplicação do argumento de Beltrão nos dias atuais.

Câmara Cascudo, um dos mais importantes pesquisadores do folclore brasileiro e das manifestações populares, diz que a “literatura folclórica é totalmente popular, mas nem toda produção popular é folclórica. Afasta-se do folclore a contemporaneidade” (Cascudo, 1978, p.23). Ele faz referência a folhetos de literatura popular impressos na península ibérica, que até hoje são reproduzidos pela literatura de cordel brasileira sem considerá-los representações folclóricas, uma vez que seus autores são identificados.

O folclórico decorre da memória coletiva, indistinta e contínua. Deverá ser sempre o popular e mais uma sobrevivência. Assim um poema, um trecho de história que a simpatia popular divulgou, a música de uma canção, nacional pela memória coletiva, marcham para a despersonalização que as perpetuará no folclore (Ibdem, p.23).

O que Cascudo torna explícito para este estudo é que não se pode considerar folclore algo dinâmico como a literatura de cordel. A partir desse argumento, mesmo a tradição mantida por alguns poetas populares na produção dos folhetos e na estrutura mantida não caracteriza o cordel como folclore devido à capacidade do estilo de se transformar e de tornar dinâmico público e conteúdo.

Porém, existem estudos que procuram discutir o argumento levantado por Câmara Cascudo. Lara Amorim, por exemplo, defende que mesmo as culturas tradicionais estão sujeitas às transformações da sociedade. Segundo ela, “folclore revela-se como uma prática cultural dinâmica” (AMORIM, 2002), que é capaz de se adaptar à modernidade e está atrelado a ela, em diferentes níveis e processos. Assim sendo, a contemporaneidade que Cascudo relatou como um dos fatores que afastam o folclore é para Lara Amorim uma característica que identifica a capacidade das manifestações folclóricas de adaptação às novas formas culturais.

4 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A INFORMAÇÃO VEICULADA PELO CORDEL E PELO CB

4.1 Público-alvo e características das duas mídias

O jornal *Correio Braziliense* é um veículo impresso que trata de assuntos gerais. Dividido nas editorias de Política, Brasil, Economia, Mundo, Cidades, Esportes, Caderno C e Suplementos, tem o público composto por leitores das classes A, B e C e pertence ao grupo de veículos considerados da grande imprensa brasileira. Apesar de ser um jornal feito em Brasília, não se limita a assuntos locais e o tema de destaque pode ser tanto a violência no entorno do Distrito Federal como uma guerra no Oriente Médio. O jornal existe desde 1960 e pertence ao grupo Diários Associados, criado por Assis Chateaubriant, do qual fazem parte mais 12 veículos impressos, sete emissoras de televisão e doze de rádio e seis sítios na internet.

O formato do jornal é *standard* (54cm x 33,5 cm), sem número definido de colunas, mas a maioria das páginas varia entre cinco e seis colunas, nas quais são dispostos texto e fotografia, em alguns casos ilustrações como caricaturas ou infográficos – informação detalhada com gráficos.

Os folhetos de Literatura de Cordel, como foi exposto anteriormente, sofreram modificações ao longo do tempo e, com isso, adquiriram novo público. A produção do cordel não é mais direcionada exclusivamente ao trabalhador rural, ao analfabeto ou ao excluído da penetração dos meios de comunicação de massa. O cordel se tornou urbano e o público é composto também por colecionadores, acadêmicos e visitantes de feiras culturais em grandes centros urbanos, novo cenário de exposição da literatura de cordel. O formato dos folhetos se manteve (aproximadamente 16,5cm x 12), porém a produção não é mais artesanal em todas as etapas. Alguns são confeccionados em gráficas em grande escala para fins comerciais.

São denominados folhetos os que possuem até 16 páginas; já os que variam entre 24 e 64 são chamados de livretos. De acordo com a Academia

Brasileira de Literatura de Cordel, os versos seguem uma métrica própria dependendo do tema abordado pelo poeta. No caso de romances, as mais comuns são as estrofes compostas por seis versos de seis sílabas (sextilhas). Porém, quando o objetivo é atingir musicalidade, as estrofes são formadas por sete versos de sete sílabas (setilhas).

No presente estudo, serão analisados três folhetos de oito páginas cada um, sendo dois de sextilhas e um de setilha.

4.2 Análise do conteúdo dos elementos informativos presentes nos folhetos de cordel e nas reportagens de jornal

O método de Análise de Conteúdo baseado no manual prático criado por Martin W. Bauer e George Gaskell, em 2000, foi o escolhido para tecer estudo sistemático, em forma de pesquisa qualitativa, a respeito do conteúdo veiculado pelos folhetos de cordel e reportagens do jornal *Correio Braziliense*. A aplicação será aprofundada no estudo da linguagem, recursos estilísticos, sintática e semântica das duas mídias. Para a realização da análise será empregado o método de categorias ou categorização com um referencial de codificação que Bauer (2000, p.199) define como “modo sistemático de comparação” ou “um conjunto de questões (códigos) com o qual o codificador trata os materiais e do qual consegue respostas”.

Para selecionar as categorias foram definidos temas de relevância para o estudo por meio dos quais serão analisadas expressões, palavras e figuras de linguagem que identifiquem o estilo tanto dos folhetos de Literatura de Cordel quanto das reportagens do jornal *Correio Braziliense*. As categorias escolhidas foram denúncia/indignação, figuras de linguagem e imparcialidade a serem observadas nos temas corrupção: dólar na cueca, mensalão; e crise ambiental: aquecimento global. A escolha de tais temas se deu por serem temas atuais e por terem sido tratados por jornalistas e poetas populares em suas respectivas mídias.

Os três folhetos de Literatura de Cordel selecionados foram adquiridos na Feira do Livro de Brasília, em 2005 e 2007. Dois de autoria do poeta

Abraão Batista (*Um dólar na cueca*; e *Os metrosexuais³ do mensalão*); e um de Izaias Gomes de Assis (*O planeta Terra pede socorro*). Para cada folheto, foi escolhida uma reportagem publicada no *Correio Brasiliense* de tema afim: *Indiciados por dólar na cueca* (4 de dezembro de 2005, p. 9); *Por dentro da Lama* (7 de julho de 2005, p. 8); *De olho no planeta* (13 de outubro de 2007, p. 18).

4.2.1. Dois casos de corrupção: o mensalão e o caso dos dólares na cueca

Dois episódios de considerável repercussão na imprensa brasileira e na opinião pública dizem respeito a casos de corrupção por manipulação ilícita do dinheiro público. O mensalão, mesada que era paga por integrantes do governo federal a parlamentares como incentivo para que projetos de lei de interesse do governo fossem aprovados, talvez tenha sido o de maior impacto sobre o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em junho 2005. O caso gerou descontentamento em diversos segmentos da sociedade e abriu espaço para que os meios de comunicação analisassem os rumos que a política brasileira estava tomando e para que representantes da cultura popular expressassem indignação. Outro caso que ganhou destaque nas páginas dos jornais e foi objeto de análise popular é o dos dólares encontrados na cueca do assessor do deputado estadual José Nobre Guimarães (PT), irmão de José Genoíno (ex-presidente do Partido dos Trabalhadores). A Literatura de Cordel e seus poetas abordaram os temas assim como a imprensa e jornalistas de todo o Brasil.

4.2.2. Aquecimento Global

O tema surgiu como assunto recorrente na mídia após o anúncio feito por cientistas de que a temperatura da Terra havia aumentado cerca de 0,6 °C, entre 1861 e 2000, e que uma das responsáveis pela mudança no clima é a ação do homem no meio ambiente, as atividades antrópicas⁴. Os jornais apresentaram

³ Palavra grafada tal qual se encontra no folheto.

⁴ Principais conclusões do Terceiro Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima. Estudo apresentado no IX Congresso Brasileiro de Energia, 20 a 22 de maio de 2002, Rio de Janeiro.

reportagens que contextualizaram o assunto e as relações políticas mundiais para conter a crise ambiental. A literatura de cordel foi veículo de reflexão e de informação da cultura popular sobre o tema, como será exposto a seguir.

4.2.3 Análise por categorias

As categorias apresentadas pretendem ressaltar o enfoque ao tom de denúncia/indignação, ao emprego de figuras de linguagem e à imparcialidade nos folhetos de Literatura de Cordel e nas reportagens do *Correio Braziliense*. Segue abaixo a análise de conteúdo por categorias dos temas Mensalão, Dólar na cueca e Aquecimento Global: a) Denúncia/Indignação; b) Figuras de linguagem; c) Imparcialidade.

Essas categorias foram escolhidas por serem as mais representativas da maneira como o tema é tratado pelos meios de difusão de informação. As palavras e expressões selecionadas foram aquelas que melhor expressam o tom e a intenção dos autores das duas mídias.

a) Denúncia/Indignação

Mensalão:

Quadro 1

Literatura de Cordel – <i>Os Metrosexuais do Mensalão</i> – Abraão Batista - 06/06/2005	<i>Correio Braziliense</i> – <i>Por dentro da lama</i> – 07/06/2005 (p. 10)
(...) Agora foi descoberto Um desgraçado “Mensalão” De cem deputados, fica A metade de um, ou, não? Cada qual mais mentiroso Que rouba e é tinioso Traficante e “ bom ladrão ” (...)	(...) o deputado federal e presidente do PTB, Roberto Jefferson (RJ), diz ter tomado conhecimento, por intermédio de diversos parlamentares, da existência de um esquema de pagamento mensal a deputados, o “mensalão”, no Congresso (...).
(...) E seu Roberto Geferson Virou herói nacional Gritando: pega ladrão Bem no meio do quenguembal Só livrou o “pobre” Lula Crucificado na guia No mundo metrosexual (...)	(...) Segundo Jefferson, depois de Lula ter recebido essa informação, em janeiro deste ano, o pagamento teria cessado e esse seria o motivo porque o governo estaria enfrentando dificuldades na base aliado no Congresso (...).

(...) O povo ta revoltado Com a grossa safadeza Vendo que o político Só pensa na esperteza De roubar cada vez mais E só de tem outros iguais Do Xuí a Fortaleza	
--	--

No fragmento da poesia popular a expressão “Agora foi descoberto” destaca o tom de denúncia e de imediatismo do tema proposto pelo poeta Abraão Batista. Logo depois, a palavra “desgraçado”, que se refere a “mensalão”, reflete a indignação com o caso envolvendo deputados aos quais são atribuídos adjetivos como “mentiroso”, “tinhoso”, “traficante” e “bom ladrão”.

A segunda estrofe mostra o autor da denúncia do esquema do mensalão, “Roberto Geferson”, que o poeta apresenta como “herói nacional” perante a opinião pública por ter denunciado os beneficiários da mesada. A expressão “quenguembal” foi criada pelo autor para dar nome ao ambiente de convivência dos denunciados, possivelmente o Congresso Nacional que é também o “mundo metrosexual” ao qual se refere, por ser para ele ambiente promíscuo onde as há mudanças de comportamento para agradar a um e a outro, dependendo do interesse. A terceira estrofe apresentada acima destaca com clareza a revolta do povo diante da situação que envolve políticos de todo o Brasil. A expressão “grossa safadeza”, por exemplo, realça a intenção do poeta popular de mostrar indignação.

A reportagem do *Correio Braziliense* sugere teor de indignação no título “Por dentro da Lama”. Porém, o corpo do texto ressalta o caráter de denúncia que a série de reportagens sobre a crise no governo publicadas no *Tema do Dia* pretende transmitir para o público. A locução verbal “diz ter tomado” dá voz ao personagem central da denúncia, o deputado Roberto Jefferson. Não há, porém, na reportagem a presença clara de palavras e expressões que indiquem revolta e indignação porque o jornal tem pretende ser neutro.

Dólar na cueca:

Quadro 2

Literatura de Cordel – <i>Um Dólar na Cueca</i> – Abraão Batista - 06/06/2005	Correio Braziliense – <i>Indiciados por dólar na cueca</i> – 04/12/2005 (p. 9)
<p>Eu não via na cueca Relevante sustentação Não sabia que ela tinha O poder da televisão O valor do jornalismo Com sua representação</p> <p>(...) Seu Lula disse que tava Fortemente comovido Olhando pra cima, para Prender o choro sentido Com nó na guela, falou: “pelo PT fui traído”</p> <p>Ora, pobre Presidente Dessa retreta sem fim... Lembre-se que o Senhor disse Um dia disse, pra mim: “esse aqui é unha e carne”... Agora, não ache ruim.</p> <p>(...) Graças a Democracia Aos jornais e televisão As rádios, nossas revistas E jornalistas de visão É que nós podemos saber De tanta esculhambação.</p>	<p>O Ministério Público Federal do Ceará denunciou na última quinta-feira pelo crime de improbidade administrativa o deputado estadual José Nobre Guimarães (PT) e seu assessor Adalberto Vieira, preso no aeroporto de São Paulo ao tentar embarcar para Fortaleza carregando R\$ 209 mil na mala e mais o equivalente a R\$ 100 mil em dólares na cueca.</p>

O folheto apresenta indignação às queixas do presidente Lula, que diz ter sido traído pelo partido ao qual pertence, e à importância que uma peça do vestuário, como a cueca, ganhou após ter sido usada para guardar dinheiro. Isto fica claro na primeira estrofe inteira, na qual o autor questiona a importância representativa da cueca frente aos meios de comunicação de massa. Na terceira estrofe apresentada acima, o último verso “Agora, não ache ruim” o poeta estabelece diálogo com o próprio presidente da república e expõe indignação com as reclamações do mesmo.

Na última estrofe, Abraão Batista admite ser por causa da democracia, dos meios de comunicação de massa e do jornalismo que o povo tem acesso

à informação e a denúncias como a dos dólares na cueca. O poeta termina a estrofe com um verso indignado “de tanta esculhambação” que se refere à crise ética pela qual passou o governo em 2005.

Na reportagem do *CB*, o *lead*⁵ exposto acima apresenta a denúncia do envolvimento de pessoas ligadas ao PT que tentaram embarcar com dinheiro em mala e cueca. O texto é direto, segue as regras do *Manual de Redação e Estilo* dos Diários Associados para manter o padrão do texto jornalístico que garante clareza à informação. Apesar da denúncia, não há presença de palavras ou expressões que remetam à indignação.

Aquecimento Global:

Quadro 3

<p>Literatura de Cordel – <i>O planeta Terra pede socorro</i> – Izaias Gomes de Assis – março de 2007.</p>	<p>Correio Braziliense – <i>De olho no planeta</i> – 13/10/2007 (p. 18).</p>
<p>(...) A temperatura média Desse planeta aumentou Um grau durante esse século E a ciência confirmou Que foi a ação dos humanos Que nosso clima esquentou</p> <p>Lá pro final desse século Quem tiver vivo vai ver A temperatura média Continuamente ascender Numa média de dois graus “O PLANETA VAI FERVER” (...)</p> <p>(...) Especialistas no assunto Já prevenido um grande mal Se reuniram lá na França Num Congresso Mundial Deram o nome ao tal problema De AQUECIMENTO GLOBAL (...)</p> <p>(...) O clima está aumentando O gelo está derretendo O mar está avançando Todo o planeta está vendo Para reverter esse quadro O que é que estou fazendo? (...)</p>	<p>(...) Segundo o IPCC, o nível dos mares aumentará entre 18 cm e 59 cm até o fim do século. Al Gore prevê uma elevação de até 6m, mas essa estimativa é considerada exagerada por cientistas (...)</p> <p>(...) As mortes causadas pelo aquecimento global dobrarão em 25 anos — para 300 mil pessoas por ano (...)</p> <p>(...) A temperatura subirá entre 1,8 grau e 4 graus Celsius. Secas, queimadas e furacões serão mais freqüentes (...)</p> <p>(...) O Oceano Ártico perderá todo o gelo até o verão de 2050, com o desaparecimento dos icebergs e da capa polar da Groenlândia (...)</p>

⁵ Lead é o nome dado ao parágrafo do texto jornalístico que contém informações básicas para o leitor. Deve responder a seis perguntas: “O quê?”, “Quem?”, “Quando?”, “Como?”, “Onde?”, “Por que?”

O poeta Izaias Gomes de Assis faz uma crítica/reflexão a respeito da crise ambiental e das previsões de cientistas para o planeta Terra com o Aquecimento Global. Percebe-se na primeira estrofe (Quadro 3) o que poderia ser considerado um *lead* do jornalismo clássico, com informações objetivas e claras. É possível fazer uma comparação direta entre as informações levantadas pelo CB e os versos apresentados no folheto de cordel. Em “Lá pro final desse século / quem tiver vivo vai ver / a temperatura média / continuamente ascender / numa média de dois graus / o Planeta vai ferver” é possível notar o paralelismo com a informação do CB “A temperatura subirá entre 1,8 graus e 4 graus Celsius”. A informação é a mesma. O mesmo acontece nos versos “o gelo está derretendo / o mar está avançando” com “Segundo o IPCC, o nível dos mares aumentará (...) O Oceano Ártico perderá todo o gelo até o verão de 2050”.

Embora a indignação e reflexão sejam mais explícitas na literatura de cordel, tanto no folheto quanto na reportagem do *CB* é claro o tom de denúncia e de alerta. Um exemplo da intenção do poeta popular de propor reflexão está exposto na última estrofe (Quadro 3), mais especificamente no último verso, no qual é feita uma pergunta que também instiga o leitor a questionar. Essa característica não é encontrada na reportagem, pois é típica da proposta da poesia popular.

b) Figuras de linguagem

Mensalão:

Quadro 4

Literatura de Cordel – <i>Os Metrosexuais do Mensalão</i> – 06/06/2005	Correio Braziliense – <i>Por dentro da lama</i> – 07/06/2005 (p. 10)
<p>(...) Até doutor Genuíno Com cara de quenga torta Disse: Assinei a muamba Mas detrás de uma porta Eu assinei, mas eu não li Dessa besteira, nem morta (...)</p> <p>(...) A catinga dos corruptos Já chegou no meu Nordeste Lula: tome mais cuidado Com esses, cabras da peste Se o senhor não se cuidar Brevemente vai dançar No Pernambuco agreste (...)</p>	Título: Por dentro da lama

(...) Quem tem medo de ce-pê-i Ou é corrupto ou é ladrão É travesti mascarado Do bloco do mensalão Não tem a cidadania Do País da alegria Que é a nossa grande Nação (...)	
--	--

Exceto pelo título da reportagem do *CB*, não foi encontrada no corpo do texto nenhuma figura de linguagem. Porém, a metáfora⁶ presente no título “Por dentro da lama” identifica a intenção de transmitir mensagem além da informação. Fica claro que, mesmo com as regras às quais o jornalista se submete para manter o padrão do texto, o jornal transmite sua opinião acerca do fato.

Já no folheto do poeta Abraão Batista, há presença de figuras de linguagem na maioria dos versos. A metáfora, por exemplo, é o principal recurso utilizado por Abraão Batista que a apresenta em “com cara de quenga torta”, “muamba”, “travesti mascarado”. Outra figura de linguagem presente na poesia é a perífrase⁷ que pode ser observada na expressão “País da alegria”, usada para substituir Brasil e destacar a importância semântica dos versos. Além das figuras de linguagem, pode-se notar a presença de expressões regionais como “cabras da peste” que, junto com palavras e expressões que dão dicas de localidade “meu Nordeste” e “Pernambuco agreste”, dão à poesia proximidade com o público e indicam a origem da literatura de cordel.

A linguagem poética do folheto explora o sentido conotativo das palavras e realça a transformação dos significados. Tal transformação se apresenta como o diferencial da poesia em relação ao texto jornalístico, que busca emitir informação de forma objetiva com o uso das palavras no sentido original para evitar interpretações ambíguas e garantir a recepção da mensagem sem interferências.

⁶ A metáfora é a figura de linguagem que associa um termo a outro ou substitui. É a transferência de significado de um termo.

⁷ Perífrase é a figura de linguagem na qual há a substituição de um nome por uma expressão que o caracterize.

Dólar na cueca:

Quadro 5

Literatura de Cordel – <i>Um Dólar na Cueca</i> – 06/06/2005	Correio Braziliense – <i>Indiciados por dólar na cueca</i> – 04/12/2005 (p. 9)
<p>(...) No meio do reboiço Uma cueca falante Tomou voz no Congresso Grotesco e elegante Gritando: aqui, de vocês Sou cafetina – amante (...)</p> <p>(...) Se não fosse o tal Lula Sabido assim como é Eu já estava de posse Do Alvorada, e de ré Cuecava o Planalto Com dólar, farinha e café (...).</p> <p>(...) O Senhor disse na TV Que da cueca não sabia Nem das malas de dinheiro Nem mensalão garantia... Virgem! És um inocente! Valei-me Santa Maria (...)</p>	<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>

A voz dada à “cueca” indica a presença de prosopopéia⁸. Segue, nas três estrofes apresentadas no Quadro 5, a idéia de diálogo estabelecido entre a “cueca falante” e o leitor. A cueca é “cafetina” e “amante”, grita e demonstra intenções humanas, como tomar posse de algo (ver segunda estrofe, Quadro 5). Uma outra figura de linguagem que pode ser observada é a ironia⁹ presente em “Virgem! És um inocente! / Valei-me Santa Maria”, usada pelo poeta para dar destaque à crítica às declarações do presidente Lula.

Não foi encontrada na reportagem do *CB* nenhuma figura de linguagem. A informação veiculada no jornal procura ser isenta de recursos lingüísticos que comprometam a penetração da mensagem, de forma heterogênea,

⁸ Prosopopéia, ou personificação, é a figura de linguagem que atribui a seres inanimados características e ações humanas.

⁹ A ironia é a figura de linguagem que satiriza e questiona com a intenção de ridicularizar ou ressaltar crítica.

no público ao qual se destina e que se caracteriza pela mesma heterogeneidade.

Aquecimento Global:

Quadro 6

Literatura de Cordel – <i>O planeta Terra pede socorro</i> – Izaias Gomes de Assis – março de 2007.	Correio Braziliense – <i>De olho no planeta</i> – 13/10/2007 (p. 18).
<p>A Terra, nossa morada, A você pede socorro Lhe suplicando dizendo: “Destá vez eu sei que morro O Homem não está ligando E não sei a quem recorro”</p> <p>Ela está sendo arrasada Por esta má geração Ta ciente que caminha Pra total destruição Graças aos civilizados Que geram poluição</p>	<p>A Terra pede socorro. O Comitê Nobel Norueguês entendeu a mensagem e decidiu contribuir para evitar uma catástrofe provocada pelas mudanças climáticas.</p>

Mais uma vez um objeto inanimado ganha características humanas. A voz dada à “Terra” apresenta a prosopopéia utilizada como recurso lingüístico na poesia de cordel para reforçar a mensagem que o autor pretende transmitir. A fala da “Terra que pede socorro” nos versos: “Destá vez eu sei que morro / O homem não está ligando / E eu não sei a que recorro” é realçada pela análise que o autor faz na estrofe que segue e pode ser observada no Quadro 6, segundo a qual o homem é o responsável pela crise ambiental que ameaça o planeta Terra.

Na reportagem do CB, logo na primeira frase, o mesmo recurso do folheto é utilizado. A figura de linguagem prosopopéia também dá voz à “Terra”, repetindo a mesma intenção da poesia popular. Observa-se exatamente a mesma expressão no título do folheto “O planeta Terra pede socorro” e na reportagem “A Terra pede socorro”. Se forem levadas em consideração as datas das publicações (observar Quadro 6), é possível notar que o folheto foi produzido antes da matéria. Assim, o jornal não pode ter sido usado como referência para a elaboração de termos usados na poesia de Izaias Gomes de Assis. No entanto, o inverso pode ter acontecido.

c) Imparcialidade

Não foi encontrado nada que identificasse imparcialidade nas duas mídias analisadas. Os folhetos de literatura de cordel têm intenção clara de apresentar a opinião do poeta, pois a poesia está desvinculada de normas de estilo que pretendem transmitir neutralidade. A poesia destaca opinião, reflexão e análise, pois o sentido da mensagem é percebido como fator mais importante à informação. Por outro lado, a intenção de neutralidade apresentada nos manuais de redação de jornalismo não barra a parcialidade das reportagens do *CB*. As regras de clareza e objetividade servem para mascarar a mensagem implícita presente no conteúdo das matérias. Muitas vezes (como no caso da reportagem “Por dentro da Lama”), a pretensão de imparcialidade ao menos se apresenta.

4.3. A xilogravura

A ilustração das capas dos folhetos de literatura de cordel é um importante atrativo de leitores e, mais que isso, é parte essencial da mensagem que a informação difundida pela Literatura de Cordel pretende transmitir. A técnica mais utilizada para dar destaque ao tema do folheto e garantir apelo visual é a xilogravura, que consiste em um processo totalmente artesanal, na qual as matrizes de impressão são esculpidas em madeira. A etimologia da palavra xilogravura vem do grego *xilon* (madeira) e *grafó* (escrever), sendo assim a xilogravura pode ser entendida com a arte de escrever com madeira, as matrizes funcionam como carimbo no processo de impressão¹⁰.

Na maioria dos casos, a arte é passada de geração para geração como uma sabedoria e arte antiga¹¹ que se mantém viva graças à transmissão da técnica e ao interesse dos mais novos de aprender e manter a tradição que afirma a xilogravura como uma manifestação viva da cultura popular.

¹⁰ Museu Casa da Xilogravura, situado em Campos do Jordão, São Paulo.
<<http://www.casadaxilogravura.com.br>>

¹¹ Segundo o Museu Casa da Xilogravura, a xilogravura em papel mais antiga ilustra um exemplar da oração do budista Sutra Diamante, editada por Wang Chien, na China, no ano 868.

Os folhetos de literatura de cordel passam, com a xilogravura, a adquirir mais um valor agregado. Alguns poetas são também gravuristas e ilustram seus próprios cordéis, como é o caso do poeta Abraão Batista, de Juazeiro do Norte, cujos folhetos foram analisados no presente estudo. Além de ilustração das capas dos folhetos, é possível encontrar, em feiras culturais, xilogravuras impressas em cartazes de todos os tamanhos, emolduradas ou impressas em outros suportes como cerâmica e tecido.

Assim como a poesia, a xilogravura se apresenta como um importante agente comunicativo e transmissor de mensagem. O poeta/gravurista expõe a intenção do folheto ainda na capa. A união dessas duas manifestações em uma única mídia desperta o interesse dos visitantes das feiras, como pôde ser observado durante a 26ª Feira do Livro de Brasília¹².

A xilogravura reflete a importância da imagem como recurso que evoca transmissão de informação de maneira diferente do texto escrito. A linguagem iconográfica remete o leitor da poesia a uma experiência diferenciada que é a de associar a imagem a uma releitura que o gravurista faz de um determinado acontecimento, como pode ser observado a seguir¹³ nas capas dos folhetos *Os metrosexuais do mensalão* e *Um dólar na cueca*, analisados no presente estudo:

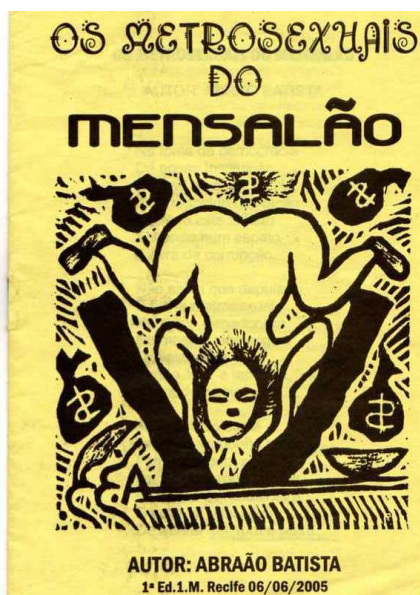


Figura 1:
Xilogravura da capa do folheto “Os metrosexuais do mensalão”, de Abraão Batista

¹² Pesquisa de campo realizada, em setembro de 2007, para o presente estudo mostrou que de dez visitantes de um dos estandes de cordel, oito eram atraídos pela xilogravura.

¹³ Ver, no Anexo A, outros exemplos de xilogravura.

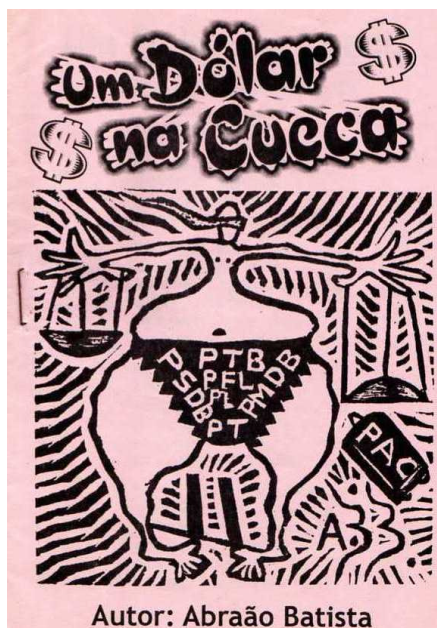


Figura 2:
Xilogravura da capa do folheto “Um dólar na cueca”, de Abraão Batista

No entanto, alguns cordéis são ilustrados com imagens que não são necessariamente xilogravura, um exemplo de como um representante da tradição popular, como a literatura de cordel, é capaz de incorporar elementos novos ao processo produtivo. Segue, como exemplo, a ilustração de capa do folheto *O planeta Terra pede socorro* feita à nanquim sob encomenda:



Figura 3:
Ilustração da capa do folheto “O planeta Terra pede socorro”, de Izaías Gomes

4.4. A credibilidade informativa da literatura de cordel

A credibilidade informativa é um fator relevante, uma vez que a informação depende da troca entre emissor e receptor. O poeta de Literatura de Cordel precisa da aceitação do público para transmitir a mensagem que pretende com o folheto. Luyten (1992) acredita que o que garante a aceitação da poesia popular é a capacidade do poeta de ser “líder de opinião”. Ele cita o conceito de Paul Lazarfeld para “líder de opinião” e assimila tal conceito para identificar o poeta de literatura de cordel dentre os mediadores de comunicação interpessoal, da troca de opinião entre pessoas.

Segundo Lazarfeld, o “líder de opinião”:

1) Personifica interesses específicos; 2) Ocupa posições tidas como propiciatórias de alta competência no ramo da pauta; 3) É um indivíduo acessível e extrovertido, com muitas relações; 4) Tem acesso a informações relevantes provenientes de fora de seu círculo imediato (LAZARFELD, *Apud*, LUYTEN, p.161, 1992).

Ora, para recodificar uma informação o poeta popular é o sujeito que deve apresentar as quatro características citadas acima, pois o folheto deverá ser lido e a mensagem só será aceita se estiver codificado de acordo com o que Luyten chama de “campo de vivência do receptor” (p. 162, 1992). É preciso que haja confiança em relação à mensagem que o folheto emite. O leitor de literatura de cordel, na maioria dos casos, participa da mesma vivência do poeta, pois está inserido na mesma estrutura social, por isso assimila a informação transmitida pela poesia.

CONCLUSÃO

A partir da análise de conteúdo dos folhetos de Literatura de Cordel e das reportagens do jornal *Correio Braziliense*, a pesquisa demonstrou que há transmissão de informação nas duas mídias. Porém, a mensagem é transformada e novos códigos são atribuídos à poesia popular para que atinja o objetivo ao qual foi destinada. Tal objetivo nem sempre é o de informar, mas de entreter e transmitir a opinião do poeta e por isso a informação é também veiculada nos folhetos, muito embora essa não seja a intenção em alguns casos. Nos folhetos analisados no presente estudo foi possível perceber o caráter informativo da literatura de cordel, porém com recursos lingüísticos diferentes dos utilizados pelo jornalismo.

A conotação é um artifício recorrente na poesia popular. O uso de figuras de linguagem é freqüente e reforça que a intenção do poeta é transmitir sinais e sentidos, o aspecto semântico é o mais importante na literatura de cordel. Mesmo com o rigor da forma – com a métrica rígida em sextilha e setilha, com o padrão do tamanho do folheto – a poesia é livre quanto ao conteúdo. A linguagem utilizada pelo poeta é livre e segue a orientação do próprio autor e a intenção dele ao emitir uma mensagem.

As reportagens do jornal *Correio Braziliense*, por outro lado, prezam pelo padrão do texto jornalístico e dos manuais de redação. O objetivo do texto, nesse caso, é informar de maneira clara e objetiva a fim de que se atinja um número maior e mais heterogêneo de pessoas. A palavra de ordem no *Manual de Redação e Estilo*, elaborado por Dad Squarisi para o grupo dos Diários Associados – do qual o jornal *Correio Braziliense* faz parte – é “padrão”. Mas, apesar da padronização do texto, o jornal não deixa de transmitir opinião, seja de maneira implícita, por meio do conteúdo da reportagem, ou de forma direta, no próprio título.

Não há, portanto, nas mídias analisadas, o critério de imparcialidade. Tanto na literatura de cordel quanto no *CB*, a mensagem transmitida emite a posição do veículo frente a um determinado assunto.

Em relação ao valor informativo, a informação veiculada pela Literatura de Cordel não substitui a informação do jornal. Uma mídia complementa a outra. Por vezes, a reportagem informa e o folheto diverte com crítica bem-humorada. Outras

vezes, o jornal não consegue se aproximar de um leitor específico para informar – já que o público é heterogêneo – e a Literatura de Cordel consegue cumprir o objetivo de transmitir a mensagem por meio de uma linguagem que aproxima a informação do leitor e o faz assimilar o conteúdo.

Infere-se, com a pesquisa, que a Literatura de Cordel aproxima o fato do público e a informação é aceita por causa da vivência do poeta-emissor no campo do leitor-receptor. Já o jornal é a referência do fato, é nele que os poetas buscam informação para produzir os folhetos e recodificar a mensagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. São Paulo. Ed. Mercado de Letras, 1999.

AMORIM, Lara. *A Folia do Divino Espírito Santo no Brasil contemporâneo: uma etnografia de um rito popular em Goiás*. Tese de doutorado pela Universidade de Brasília – UnB, 2002.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa. Edição 70, 1997.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados*. Melhoramentos, São Paulo, 1971.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão e idéias*. Porto Alegre, Edipucrs, 2001.

BEUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa em texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis. Ed. Vozes, 2004.

BORDENAVE, Juan E. Dias. *Além dos meios e mensagens: Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. 7ª ed. Rio de Janeiro. Vozes, 1983.

CASCUDO, Luiz Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro. INL, 1978.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Cinco Livros do povo*. Paraíba. Ed. Univ.. UFPB, 1979.

LUYTEN, Joseph M. *A Notícia na Literatura de Cordel*. São Paulo, Ed. Estação Liberdade, 1992.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: A Literatura de Cordel no Brasil*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1984.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo. Martins Fontes, 2003

Sites consultados:

Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/>> Acesso em: agosto e setembro de 2007.

ESPARTA, A. Ricardo J.; MOREIRA, José Roberto. Principais Conclusões do terceiro Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima. RJ, 2002. Disponível em: <<http://www.centroclima.org.br/ccpdf/IPCC%20Conclusoes.pdf>> Acesso em: 14 de outubro de 2007

Museu Casa da Xilogravura. Disponível em: <<http://www.casadaxilogravura.com.br>>. Acesso em: outubro de 2007.

ANEXO C



AD - 09

Correio Braziliense • Brasília, domingo, 4 de dezembro de 2005 • 9

POLÍTICA/TEMA DO DIA

CRISE ÉTICA

José Guimarães, irmão de José Genoíno, seu assessor Adalberto Vieira, e dirigentes do Banco do Nordeste responderão por crime de improbidade administrativa, conforme a ação movida pelo Ministério Público

Indiciados por dólar na cueca

DA REDAÇÃO

O Ministério Público Federal do Ceará denunciou na última quinta-feira pelo crime de improbidade administrativa o deputado estadual José Nóbrega Guimarães (PT) e seu assessor Adalberto Vieira, preso há cinco meses no aeroporto de São Paulo ao tentar embarcar para Fortaleza carregando R\$ 209 mil na mala e mais o equivalente a R\$ 100 mil em dólares escondidos na cueca. Guimarães é irmão do ex-presidente do PT José Genoíno. Também foram denunciados o presidente do Banco do Nordeste (BNB), Roberto Smith, e outros três diretores da instituição. O ex-assessor especial do banco Kennedy Moura também foi denunciado por ter, segundo os procuradores, facilitado a aprovação de um empréstimo de R\$ 300 milhões em favor do consórcio STN.

Ao todo, os procuradores Márcio Torres e Alexandre Meireles denunciaram nove pessoas físicas e três empresas. Três diretores do BNB e um superintendente também foram acusados. A ação será julgada pela 10ª Vara Federal e os acusados têm 15 dias para apresentar defesa. O MPF concluiu que o dinheiro seria resultado de propina paga para que agentes públicos — no caso, Kennedy Moura — agissem para facilitar a concessão de empréstimo de R\$ 300 milhões para o consórcio STN. O Tribunal de Contas da União (TCU) também identificou irregularidades na aprovação da operação.

JOÃO CARLOS/AGÊNCIA OZÉAS



GUIMARÃES FOI INDICIADO COMO "POSSÍVEL BENEFICIÁRIO" DO DINHEIRO QUE SEU ACESSOR ESCONDEIA

Os procuradores informaram que Smith e os diretores do banco foram responsabilizados por aprovar a operação com irregularidades. Para o MP, Guimarães é um "possível beneficiário" da suposta improbidade, devido à sua relação com os outros acusados, lembrando, dentre outras coisas, que o deputado apadrinhou Smith e Kennedy no banco e que teve intenso contato pessoal e telefônico com Kennedy Moura quando Adalberto ia a São Paulo. Na denúncia, os procuradores utilizaram o testemunho de Ozéas

Duarte, ex-dirigente petista e assessor especial do BNB, que declarou ter ouvido do deputado Guimarães e de Kennedy que parte do dinheiro apreendido seria para o Processo de Eleições Diretas (PED) do PT.

O Banco do Nordeste afirmou em nota que só tomou conhecimento da ação por meio da imprensa e que somente após conhecer o seu teor é que irá se pronunciar oficialmente sobre a ação. "Desde o início do caso, o Banco vem colaborando com as investigações e prestou todas as

informações que lhe foram requisitadas", diz a nota do BNB. O consórcio STN repudiou "com veemência" os termos da ação e disse que os procuradores "resvalaram para o mundo da fantasia ao mencionarem insistentes indícios de favorecimento para uma operação realizada dentro da lei e das práticas de mercado". Kennedy se diz inocente. O deputado Guimarães refuta a denúncia e desafiou os procuradores: "O Ministério Público, como órgão responsável, não pode indiciar pessoas sem provas".

Nada de impeachment

FERNANDA OYLLA
DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva pode continuar respirando aliviado. Mesmo com a queda do ex-deputado José Dirceu, com o intento o bombardeio de acusações contra o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, e com a crise que insiste em perdurar, o Conselho Federal da Ordem de Advogados do Brasil (OAB) ainda busca provas para abrir o processo de impeachment contra o presidente. Há quase um mês, a comissão de cinco advogados tenta, sem sucesso, reunir elementos concretos de corrupção e improbidade na Presidência da República. Ignorada por aqueles que apuram as denúncias, a OAB não conseguiu os documentos que estão nas CPIS e nem mesmo um encontro com integrantes do Ministério Público Federal, que também investigam as irregularidades. Na próxima segunda-feira, a comissão presidida pelo advogado Orlando Maluf Haddad vai pedir mais tempo aos integrantes do Conselho, que estão reunidos em Brasília, para continuar à procura de provas capazes de subsidiar o pedido de impeachment.

Essa é a segunda vitória do presidente em menos de um mês. Durante a última reunião do Conselho da OAB, foi rejeitada a proposta de abrir o processo de impeachment. Diante da falta de "clamor público", o presidente nacional da OAB, Roberto Dusato, decidiu criar uma comissão para debater o assunto com entidades da sociedade civil e também para reunir elementos para tirar Lula do Palácio do Planalto. "Fomos muito bem recebidos pelos parlamentares. Mas os documentos ainda não chegaram", observa Orlando Maluf Haddad, que defende continuar as apurações, mesmo que em ritmo lento. Para ele, assim que tiver acesso aos documentos produzidos e coletados pelas CPIS, MPF e Polícia Federal, a OAB deve concentrar nos indícios que configuram crimes de administração do presidente Lula, como as suspeitas de que verbas do Banco do Brasil abasteceram o "valerioduto" e a denúncia de que a campanha de Lula foi financiada com dinheiro de Cuba. Ele acredita que, diante dos depoimentos, além de discutir o impeachment com o Conselho, pode ser possível ainda processar o presidente por crimes de corrupção e improbidade no Supremo Tribunal Federal.

Impressora, scanner e copiadora. Só o preço não tem como copiar.

Toda a loja em 10x sem juros.

Multifuncional HP 1410

Impressora: até 18 ppm preto e 13 ppm cores.
Copiadora: 18 cpm. Scanner: 600 dpi.

Lançamento

HP

Preço original R\$ 399,00
10x de R\$ 39,90
sem juros no cartão VISA

511 Norte das 18:00h às 19:00h | Taguatinga Shopping das 14:00h às 20:00h
Via EPIA (ao lado do Carrefour Sul) das 14:00h às 20:00h
Telefones: (61) 3328-9000 | SAC: (61) 3448-9000
www.atainformatica.com.br

Ata Informática

PaulOOctavio NEWS

BOLETIM INFORMATIVO DAS ORGANIZAÇÕES PAULOCTÁVIO | Edição nº 399 - 4 de dezembro de 2005 - Brasília - DF

PaulOOctávio e Arca lançam torre "A" do Complexo Brasil XXI

Investimento em bons negócios

As empresas Arca Empreendimentos Imobiliários e Participações Ltda. e PaulOOctávio Investimentos Imobiliários Ltda. lançaram no último fim de semana o bloco A do Complexo Brasil XXI — o maior empreendimento privado em construção na América Latina. "O Centro Empresarial Brasil XXI, por seu projeto inteligente, por seu conceito revolucionário, por sua localização privilegiada é hoje em Brasília a grande oportunidade de fixar a operação e administração de negócios, bem como uma opção de investimento auspiciosa", declara o superintendente comercial da PaulOOctávio, Sebastião Casção Junior. Os empreendedores prevêem que a nova obra — responsável pela geração de 390 novos empregos — estará pronta em setembro de 2008.

Última oportunidade

Esta etapa de comercialização configura a última oportunidade de investimento no complexo, que é caracterizado pelo sucesso de vendas desde o lançamento de sua primeira torre. As salas da torre "A" são flexíveis, com previsão de piso elevado (o que possibilita diversos tipos de lay out e instalações), além de oferecerem geração central de água gelada para ar condicionado. Segurança e automação predial também são priorizadas para fazer com que todos os sistemas funcionem de forma mais inteligente, ou seja, com tecnologia que garante conforto aos usuários. "Há que se salientar a mais alta tecnologia aplicada nestas edificações, de forma a prover segurança e ampla facilidade de acesso a serviços e comunicação", informa o diretor técnico da Arca, José Luis Wey de Brito.

PaulOOctávio - SCN Q.1 B, A Ed., Number One Tel. 3315.8500 - www.paulooctavio.com.br



ANEXO D



CMYK



A-18

18 MUNDO



Wangari Maathai - Reuters - 10/2/05

O PREMIO É UMA MENSAGEM DE QUE O MEIO AMBIENTE É MUITO IMPORTANTE E, SE NÃO CUIDARMOS DELE, A PAZ ESTARÁ AMEAÇADA

Wangari Maathai, ambientalista queniana, Prêmio Nobel da Paz em 2004

95 indivíduos e 20 organizações foram agraciados com o Nobel da Paz desde 1901, ano de fundação do prêmio.

CORREIO BRASILEIRO

BRASÍLIA, SÁBADO, 13 DE OUTUBRO DE 2007
Editor: João Cláudio Garcia // joao.garcia@correioweb.com.br
Subeditores: Sílvia Queiroz e Rodrigo Craveiro
fax: 3214-1155 • e-mail: mandado@correioweb.com.br
Tels.: 3214-1195 • 3214-1197



NOBEL DA PAZ

Comitê premia o ex-vice-presidente americano Al Gore e o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. Casa Branca elogia escolha, mas se nega a alterar a política ambiental

De olho no planeta

RODRIGO CRAVEIRO
DA EQUIPE DO CORREIO

A Terra pede socorro. O Comitê Nobel Norueguês entendeu a mensagem e decidiu contribuir para evitar uma catástrofe provocada pelas mudanças climáticas...



ICEBERG DERRETE NA ILHA AMMASSALIK, NA GROENLÂNDIA: RELATÓRIO DO IPCC PREVÊ QUE GELO DEIXARÁ DE EXISTIR NO ÁRTICO

UMA VERDADE INCONVENIENTE

Gestores do Prêmio Nobel da Paz buscam prever as mudanças no planeta com base em análises científicas

Table with 4 columns: NÍVEL DO MAR, TEMPERATURA GLOBAL, BIODIVERSIDADE, CALOTAS POLARES. Each column contains a brief description of the environmental impact.

OS VENCEDORES

AL GORE
Há quem diga que uma fraude nas eleições de 2000 lhe tirou o direito de se sentar no Salão Oval da Casa Branca...

nada e feliz. É uma mensagem de que o meio ambiente é muito importante e, se não cuidarmos dele, a paz está ameaçada...



AL GORE: PALADINO DO MEIO AMBIENTE

ANÁLISE DA NOTÍCIA

E agora, ele vira candidato a presidente?

JOÃO CLÁUDIO GARCIA
DA EQUIPE DO CORREIO

Em um plano bem diferente da política norte-americana, o democrata Al Gore se redime da derrota no 'topete' sofrida em 2000...

Estos Estados Unidos depois de semanas de batalha judicial. Nos últimos anos, Gore se notabilizou pelo ativismo no combate ao aquecimento global...

CMYK



81-V